

HIPERTEXTO: A SUPERAÇÃO DO PARADIGMA DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Naziozênio Antônio Lacerda (UFPI)

GT - 04 Alfabetização, Leitura e Escrita

Introdução

Neste trabalho, temos o objetivo de apresentar um estudo sobre o hipertexto como novo paradigma de textualidade.

Abordamos o tema com base em estudos bibliográficos e em pesquisa realizada durante aulas sobre hipertexto em laboratório de informática para alunos do curso de graduação em Letras, da Universidade Federal do Piauí, no primeiro semestre de 2004.

A nossa iniciativa se justifica em razão da necessidade que o educador e o educando sentem de interagir com os meios eletrônicos para acessar informações e construir novos conhecimentos.

Partindo da concepção de paradigma nas visões clássica e contemporânea, caracterizamos o paradigma textual (PT) e o paradigma hipertextual (PH), mostrando que no hipertexto a textualidade é redimensionada.

1. Considerações sobre o conceito de paradigma

Antes de tratarmos de texto e de hipertexto, impõe-nos a necessidade de fazermos uma breve exposição sobre o conceito de paradigma, partindo do significado etimológico e fazendo uma abordagem sintética nas perspectivas clássica e contemporânea.

O termo paradigma é originário do grego e significa modelo, exemplo, padrão. Modernamente e pós-modernamente, vem sendo utilizado de diferentes maneiras, gerando uma complexidade conceitual.

A noção de paradigma pode ser estudada, no mínimo, em duas visões: na acepção clássica e na acepção contemporânea.

1.1 O conceito de paradigma na visão clássica

Nesta visão, o paradigma é de natureza filosófica, entendido como uma das versões da Teoria das Formas ou Idéias, de Platão.

Para Marcondes (2002, p.15), na visão platônica, “um paradigma é um modelo, um tipo exemplar, que se encontra em um mundo abstrato, e do qual existem instâncias, como cópias imperfeitas, em nosso mundo concreto”.

Empregado no sentido platônico, paradigma designa aquilo que é real, o ser enquanto causa, determinante do que existe no mundo concreto, dele derivado. Com base em Platão (2000, p. 61), é o Arquétipo, ou a Idéia, ou o Modelo Originário das coisas sensíveis. O foco se direciona para a coisa conhecida (pertencente ao mundo sensível, como parte do real), considerando a visão que se tem da coisa e, sobretudo, o aspecto oferecido pela coisa vista.

1.2 O conceito de paradigma na visão contemporânea

Para tratarmos de paradigma na visão contemporânea, consideramos a contribuição de dois estudiosos: Thomas S. Kuhn e Edgar Morin.

Na ótica kuhiana, o paradigma é visto cientificamente e se define como teoria ou sistema dominante, por um tempo, numa área científica em particular. É uma concepção que

está ligada à evolução das Ciências, caracterizada pela especialização. A ênfase se dá no conhecimento.

Embora se refira a aspectos gerais do significado de paradigma, como “modelo ou padrão aceitos” e “matriz disciplinar”, Kuhn (2003, p.218) esclarece em seu livro *A Estrutura das Revoluções Científicas* que usa o termo paradigma em dois sentidos diferentes: a) de um lado, indicando toda “a constelação de crenças, valores, técnicas, etc..., partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada”; b) de outro, denotando “um tipo de elemento dessa constelação: as soluções concretas de quebra-cabeças que, empregadas como modelos ou exemplos, podem substituir regras explícitas como base para a solução dos restantes quebra-cabeças da ciência normal”.

E mais adiante, temos que “um paradigma é aquilo que os homens de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma”.

O próprio Kuhn (idem, p. 226) chama a atenção para as incongruências estilísticas do termo paradigma, ao citar o exemplo das Leis de Newton, que, algumas vezes, são um paradigma, ou, em ainda outras, paradigmáticas.

Segundo o pensamento kuhniano, o crescimento progressivo de uma área do conhecimento se desdobra em cinco etapas:

- 1) a **pré-paradigmática**, na qual coexistem várias correntes;
- 2) a **paradigmática**, na qual se chega a acordo relativamente aos pressupostos básicos da caracterização do objeto a estudar, dos problemas a resolver e das técnicas analíticas a utilizar;
- 3) a **da ciência normal**, na qual as regras do esquema hegemônico se mantêm;
- 4) a **da crise**, na qual surgem problemas resistentes às ferramentas conceituais e instrumentais em uso;
- 5) a **da revolução**, na qual um paradigma mais antigo é total ou parcialmente substituído por um novo.

Interpretamos que Kuhn leva em conta a autonomia do trabalho científico com relação às questões culturais, econômicas e sociais do contexto em que esse mesmo trabalho é realizado. E o paradigma se caracteriza como uma realização científica de grande envergadura, com base teórica e metodológica bem definida, que passa a ser aceita e seguida pela maioria dos cientistas que são membros de uma comunidade.

Mas podemos observar que, apesar das diferenças, há elementos comuns entre as visões de Platão e de Kuhn, uma vez que em ambas encontramos o caráter exemplar e a função normativa do paradigma.

Por sua vez, Edgar Morin apresenta um conceito de paradigma que vai além da proposta originária estabelecida pela lingüística e pela definição de Thomas Kuhn, ao envolver a noção de relação.

Nessa linha de pensamento, a definição de paradigma “comporta um certo número de relações lógicas, bem precisas, entre conceitos; noções básicas que governam todo discurso” (Morin, 1996, p. 287). O autor ainda acrescenta que “o paradigma primeiro impõe conceitos soberanos e impõe, entre esses conceitos, relações que podem ser de conjunção, de disjunção, etc (...), o que não contradiz a idéia de que, uma vez constituídas, as redes sejam mais importantes” (ibidem). Neste caso, um paradigma privilegia algumas relações em detrimento de outras, o que faz com que controle a lógica do discurso.

O citado autor considera que esse tipo de relação dominante é que determina o curso de todas as teorias, de todos os discursos controlados pelo paradigma. Trata-se de uma noção nuclear ao mesmo tempo lingüística, lógica e ideológica.

Para mostrarmos a diferença entre o conceito de paradigma na teoria de Thomas Kuhn e o apresentado por Edgar Morin, recorreremos ao posicionamento de Moraes (1997, p. 32):

A compreensão do conceito de paradigma com base em um enfoque relacional, em que conceitos e teorias soberanos convivem com teorias rivais, está mais de acordo com o nosso ponto de vista, pois não apenas amplia o enfoque excludente de Kuhn, que faz desaparecer escolas e teorias rivais, a partir do surgimento de um consenso entre os membros de determinada comunidade científica, como também reconhece que as mudanças paradigmáticas convivem, simultaneamente, com outras experiências, teorias, outros conceitos ou fenômenos recalcitrantes que não se ajustam facilmente ao paradigma vigente.

2. O conhecimento em rede e a mudança do paradigma educacional

Em sua obra intitulada *O Paradigma Educacional Emergente*, Moraes (idem, p. 75) afirma que “de uma base sólida do conhecimento estruturada em blocos rígidos, constituída de leis fundamentais, passamos para a metáfora do conhecimento em rede, significando uma teia onde tudo está interligado”.

Ao comentar essa teia interconexa, a autora afirma que não existe uma ciência, ou disciplina, que esteja acima e outra abaixo, isto é, uma ciência ou disciplina não é mais importante do que a outra. Diz também que todos os conceitos e todas as teorias estão interconectados, ou seja, não há conceitos em hierarquia. E ainda acrescenta que “o enfoque disciplinar atual é fruto do racionalismo científico que modelou o pensamento humano durante séculos” (ibidem).

Assim, podemos entender que o novo paradigma se estabelece pelo reconhecimento de interconectividade, que exige uma visão sistêmica e holística da realidade, através da integração, articulação e continuidade, tanto na parte teórica quanto na práxis da educação pós-moderna.

Graças à interconectividade, o conhecimento está em processo de construção e reconstrução pela ação do sujeito sobre o meio ambiente. A educação se transforma num sistema aberto, mediante relações interativas e dialógicas entre aluno, professor e ambiente de aprendizagem.

Nesse novo paradigma educacional, acontecem trocas, diálogos, interações, transformações e enriquecimentos mútuos. Nada é linear e predeterminado. Tudo é relacional e indeterminado. Idéias, pensamentos e conhecimentos não surgem prontos e acabados. Como diz Moraes (idem, p. 100), “tudo é criado gradualmente, vivenciando o processo, explorando conexões, relações e integrações”.

Salientamos que nesse mundo globalizado, onde a informática ocupa lugar de destaque entre as tecnologias de ponta, Fernandes (2004, p. 5) diz que “o hipertexto tem sido apontado como instrumento adequado a uma possível nova forma pós-moderna de relações, apreciações e conhecimento”. No entanto, a pesquisadora alerta que o hipertexto, enquanto instrumento dinamizador não garante, por si só, a ultrapassagem para o novo paradigma das tecnologias comunicacionais.

3. A interconectividade no hipertexto

Embora represente uma mudança radical, a noção de hipertexto não chega a ser propriamente uma nova concepção, pois a idéia de hipertextualidade é antiga na história da humanidade e sempre esteve presente em muitas obras literárias. Para Marcuschi (2000, p. 97), “a novidade está na tecnologia que permite uma nova forma de textualidade”.

Não é nosso objetivo apresentarmos uma tipologia hipertextual neste trabalho, mas para o desenvolvimento de nossas idéias, vamos classificar o hipertexto em tradicional e eletrônico.

Sabemos que esta classificação pode gerar discussões, inclusive polêmicas, pois muitos estudiosos do assunto têm posição diferente.

A seguir, comentamos alguns aspectos desses dois tipos de hipertexto.

1) O **hipertexto tradicional** – é a produção textual impressa, com escritura estável e controlada pelo autor, às vezes acrescida de alguns elementos (notas gráficas, ilustrações, etc.), porém lida de forma não-linear.

Com base em Koch (2003, p.61), tomamos como exemplo o texto acadêmico, com suas referências, citações ou notas de rodapé ou de final de capítulo, onde o leitor poderá ler o texto de diferentes maneiras: de forma contínua e só consultar as notas após essa leitura; de forma não-contínua, lendo apenas o que mais lhe interessa, sem a preocupação de seguir uma seqüência linear; e de forma ampliada, quando ao encontrar uma referência, poderá interromper a leitura para consultar a obra referendada, e, através desta, buscar outras fontes.

Além do texto acadêmico, citamos obras literárias, livros didáticos, revistas de divulgação científica e de informação, jornais impressos e muitos gêneros textuais. No caso da reportagem, às vezes, o corpo da matéria é complementado por boxes explicativos, gráficos, tabelas, fotos, ilustrações, que ajudam na construção do sentido. Ampliando a lista de exemplos, lembramos que há publicações, como enciclopédias, dicionários, obras de consultas, catálogos telefônicos, etc, que geralmente não são lidas linearmente, mas em múltiplas direções.

Assim, no hipertexto tradicional, temos o “hipertexto livro”, o “hipertexto revista”, o “hipertexto enciclopédia”, etc.

Esclarecemos que os exemplos apresentados e muitos outros existentes são considerados hipertextos no sentido tradicional apenas do ponto de vista da recepção, isto porque do ponto de vista da produção são classificados como textos ou gêneros textuais.

Em relação ao hipertexto eletrônico, o hipertexto tradicional é limitado.

2) O **hipertexto eletrônico** – é o processo de escritura e leitura composto de unidades textuais interconectadas que formam uma rede de estrutura não-linear e não-sequencial, com suporte da tecnologia computacional.

A respeito da interconectividade, Nomura (1997, p. 3) afirma que o “ambiente eletrônico do hipertexto permite n conexões intertextuais (textos que remetem a outros textos escritos ou sonoros, verbais ou icônicos) e/ou hipertextuais (com suporte multimídia)”.

Aceitamos como exemplo de hipertexto eletrônico, os documentos que são produzidos e/ou lidos pela mediação de suportes magnéticos (disquete ou cd-rom) ou através de redes (como é o caso da internet). Sem dúvida, o hipertexto internetiano é o exemplo mais patente de hipertexto eletrônico, em cujo suporte se realiza o hipertexto ciberespaço.

O “hipertexto ciberespaço” ou hipertexto propriamente dito é um texto conectado com todos os textos existentes, que muda radicalmente os nossos conceitos sobre ler, escrever e conhecer.

Em se comparando com o hipertexto tradicional, o hipertexto eletrônico é indeterminado e de acessibilidade praticamente ilimitada pelo leitor virtual, a partir de escolhas locais e sucessivas em tempo real.

Verificamos que Lévy (2001, p. 33) considera o hipertexto em duas dimensões: técnica e funcional.

Para o autor, tecnicamente, “um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões”. E explica que “os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem ser eles mesmos hipertextos”.

Funcionalmente, “um hipertexto é um tipo de programa para a organização de conhecimentos ou dados, a aquisição de informações e a comunicação”.

A nossa opinião é que essas duas dimensões se completam para fazer do hipertexto eletrônico, como quer Vieira (2001, p. 435), um documento mais fluído e dinâmico.

4. Texto e hipertexto: diferentes paradigmas

Não queremos discutir neste espaço a relação entre texto e hipertexto, uma vez que admitimos que o hipertexto é constituído de textos.

No entanto, entendemos que há diferenças entre texto e hipertexto, causando uma espécie de ruptura e originando paradigmas diferentes.

Vamos tentar mostrar a contraposição entre texto e hipertexto através de um estudo sintético de algumas de suas respectivas características.

4.1 Principais características do paradigma textual

O texto é uma unidade lingüística comunicativa, falada ou escrita, de qualquer extensão, que forma um todo significativo.

Dentro da concepção interacional de língua e sujeito, o texto é visto como evento comunicativo, onde ocorrem ações lingüísticas, cognitivas e sociais.

Selecionamos e comentamos sucintamente algumas características do texto que servem para ilustrar o paradigma textual (PT).

a) **Linearidade** - na produção textual, o autor utiliza a linearidade lingüística para organização de aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos.

Em sua produção, o texto é uma progressão linear ininterrupta, seguindo uma seqüência.

No entanto, admitimos que a recepção do texto poderá acontecer de forma não-linear.

b) **Unidade** - o texto é uma unidade significativa que se revela na textualidade, através de fatores como a coerência e a coesão.

Essa unidade se estrutura em início, meio e fim.

c) **Concretude** - na visão de Travaglia (2000, p. 67), o texto é "uma unidade lingüística concreta (perceptível pela visão ou audição)", tomada pelos usuários da língua (falante/ouvinte, escritor/leitor).

O autor ainda acrescenta que o texto é "o produto concreto da atividade comunicativa" (ibidem).

d) **Topicidade** – o texto é tópico, caracterizado pela construção de um discurso unidirecionalmente ordenado.

4.2 Principais características do paradigma hipertextual

Em meio a diversas criações tecnológicas do século XX, a invenção do computador possibilitou a emergência de uma nova tecnologia de escrita e leitura eletrônica denominada hipertexto, termo cunhado por Theodor Home Nelson em 1964.

Segundo Koch (2002, p. 63), “o hipertexto constitui um suporte lingüístico-semiótico hoje intensamente utilizado para estabelecer interações virtuais desterritorializadas”.

Correia e Andrade (2004, p. 2) conceituam o hipertexto como o conjunto de informações textuais, podendo estar combinadas com imagens (animadas ou fixas) e sons, organizadas de forma a permitir uma leitura (ou navegação) não-linear, baseada em indexações e associações de idéias e conceitos, sob a forma de *links*.

De um modo geral, o hipertexto vem sendo conceituado como uma escrita/leitura não-linear e não-seqüencial que se conecta e permite ao leitor virtual o acesso praticamente ilimitado de outros textos, a partir de escolhas locais e sucessivas em tempo real.

A proposta de uma nova ordem para as habilidades de leitura e escrita, possibilitando ao leitor escolher múltiplos caminhos e acessar informações em cadeia através da tela do computador, delineou o hipertexto como novo paradigma de produção textual.

Para mostrarmos esse paradigma hipertextual, vamos citar e comentar algumas características básicas do hipertexto.

a) **Não-linearidade** - é considerada uma característica central no hipertexto. Na construção e recepção do hipertexto não há a necessidade de se obedecer a uma seqüência em uma só direção.

A não-linearidade é uma técnica de produção e disponibilização da informação que permite uma múltipla escolha de caminhos através das ligações permitidas / sugeridas, de acordo com o ritmo, os interesses e os conhecimentos do leitor co-produtor.

Observamos que a não-linearização hipertextual não rompe com a linearidade lingüística que sempre se constituiu um princípio básico da língua.

b) **Fragmentariedade** - é caracterizada pela ligação de porções textuais, em geral breves.

Devido constituir-se em uma produção fragmentária, o hipertexto rompe com a hierarquia canônica de início, meio e fim.

No hipertexto eletrônico, os limites estão sempre abertos e sujeitos a desvios, fugas e retornos do leitor.

Alertamos para o fato de que embora o hipertexto não possua um centro regulador imanente, não se constitui como um agregado aleatório de enunciados ou fragmentos textuais.

c) **Virtualidade** - esta característica mostra que o hipertexto não é um texto fisicamente realizado, mas uma virtualidade.

A apresentação virtual em suporte eletrônico constitui a principal inovação trazida pelo hipertexto. Lembramos a afirmativa de que o hipertexto virtualiza o concreto e concretiza o virtual.

A virtualidade torna o hipertexto volátil, versátil e atualizável, onde não há nada pronto ou acabado.

d) **Não-topicidade** – o hipertexto é um fenômeno descentrado, que não se determina pelo desmembramento de um tópico, mas pelo deslocamento indefinido por tópicos.

As características inerentes ao texto e ao hipertexto comentadas neste trabalho podem ser visualizadas na figura 1.

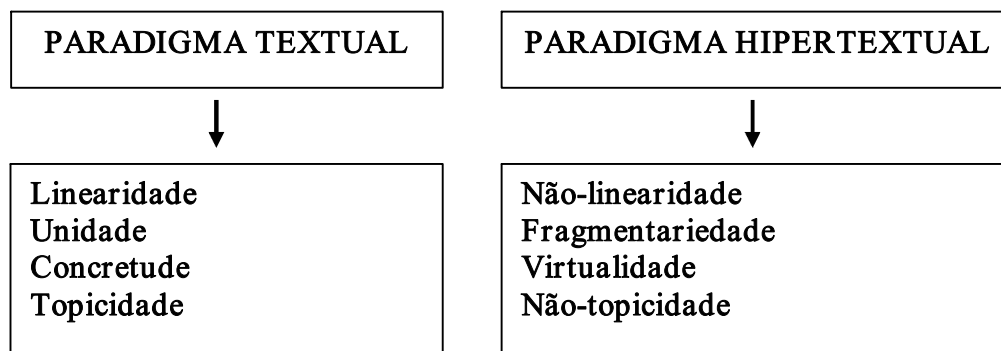


Fig. 1 - Paradigma textual (PT) e paradigma hipertextual (PH).

5. Do texto ao hipertexto: a superação do paradigma da textualidade

A textualidade é definida por Val (1991, p. 5) como o “conjunto de características que fazem que um texto seja um texto, e não apenas uma seqüência de frases”. É uma propriedade intrínseca ao texto.

Os princípios básicos da textualidade foram apontados por Beaugrand e Dressler (apud Val, *ibidem*). Depois estes autores fizeram uma revisão dos padrões de textualidade, considerando-os um conjunto de condições que apontam cognitivamente para a efetivação de um evento comunicativo.

No caso do hipertexto, as condições básicas de textualidade estão mais relacionadas aos princípios de acesso, permitindo ao leitor definir interativamente o fluxo de sua leitura e resultando em forma de estruturação textual que faz do leitor simultaneamente co-autor do texto final.

O hipertexto se caracteriza pela pluritextualidade, uma vez que amalgama aportes sígnicos e sensoriais diversos, tais como escritos, imagens, sons, mapas, gráficos, etc., possibilitando a interface com todos esses recursos de linguagem na tela do computador.

Transcrevemos a seguir um pensamento que ilustra bem a textualidade no hipertexto:

Hipertexto é uma forma híbrida, dinâmica e flexível enquanto tecnologia de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade, ao invés de eliminá-las (XAVIER, idem, p. 182-183).

Dessa forma, o hipertexto se apresenta como uma textualidade paradigmática, caracterizada pela possibilidade infinita de organizar diferentemente os diversos materiais sígnicos, permitindo (re)textualizações múltiplas e constantes, quando franquia o autor a copiar, inserir, recortar, armazenar dados, criar *links*, enfim, editar o seu discurso.

O texto possui certas propriedades, aqui expostas resumidamente, que são ampliadas pelo hipertexto.

a) **Intertextualidade** - é a relação de um texto com outros textos que funcionam como seu contexto.

A intertextualidade diz respeito "aos fatores que fazem a utilização de um texto dependente do conhecimento de outro(s) texto(s)" (VAL, *idem*, p. 15).

b) **Interatividade** - o texto constitui um evento interativo. É "uma atividade interacional, visto que os interactantes, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade de produção textual" (KOCH, 2003, p.26).

c) **Semiose** – o texto é uma atividade de produção de sentidos, que se realiza com base nos elementos lingüísticos presentes na superfície textual.

O sentido de um texto não preexiste, mas é construído na interação texto-sujeitos.

Em nossos estudos, constatamos que essas propriedades do texto a que nos referimos neste item são redimensionadas no hipertexto, apresentadas aqui através de uma abordagem sucinta.

a) **Superintertextualidade** - por sua natureza e essência, o hipertexto é marcadamente intertextual. Há uma inter-relação com outros textos que se fundem e se sobrepõem infinitamente no ciberespaço.

Xavier (2000, p. 187) chama atenção para a implicação pedagógica decorrente da superintertextualidade, por ser profundamente rica em fontes de exploração informacional, incrementando os processos cognitivos de produção / compreensão de textos.

b) **Megainteratividade** - é uma característica marcante do hipertexto, proporcionada pela utilização simultânea dos diversos aparatos midiáticos acoplados ao computador e pelo avanço da tecnologia no desenvolvimento de sistemas de telecomunicações.

A megainteratividade acontece pela interconexão interativa propiciada pela multissemiose, acessibilidade ilimitada e contínua relação de um leitor-navegador com múltiplos autores em tempo real.

Os agentes virtuais se movem rápida e repetidamente entre as funções de leitor e autor, transformando-se em co-produtores do processo interacional e instaurando uma nova dinâmica na construção / desconstrução de textos.

c) **Multissemiose** – o hipertexto tem se prevalectido das possibilidades inovadoras da arquitetura textual plurissemiótica, interconectando a linguagem verbal com a não-verbal (musical, cinematográfica, visual e gestual) de forma integrativa e interativa.

Desta forma, entendemos que o hipertexto supera o paradigma da textualidade, redimensionando-o. Esse redimensionamento da textualidade é demonstrado na figura 2.

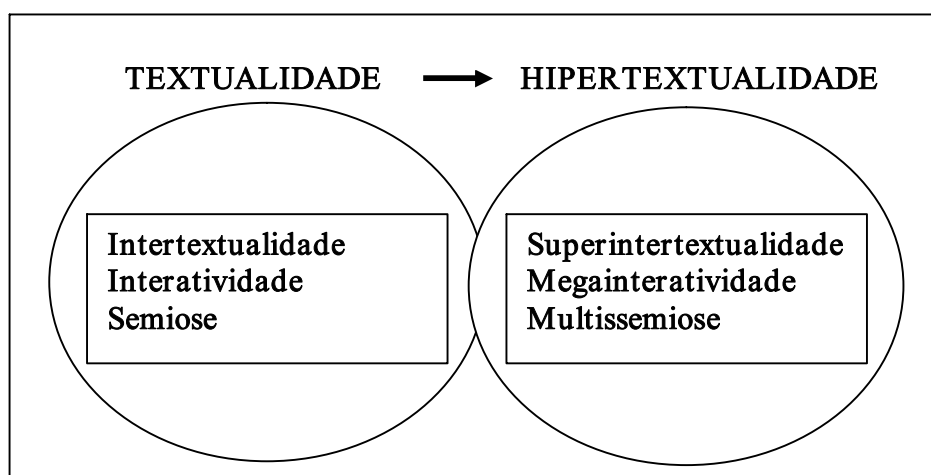


Fig. 2. - Redimensionamento da textualidade

Considerações finais

Como vimos, o hipertexto se caracteriza como novo paradigma de produção textual, a que denominamos de paradigma hipertextual (PH). No entanto, verificamos que ele não rompe radicalmente com o paradigma da textualidade. Há uma superação, no sentido de ir além, redimensionar. Xavier (2004, p. 171) reconhece o hipertexto como economia de escrita/leitura revolucionária, mas não usurpadora absoluta do lugar e da relevância do texto impresso.

Então, de acordo com a nossa avaliação, o hipertexto é um novo paradigma textual, não em conformidade com a visão de Kuhn, embora ocorram mudanças na forma de produzir e receber em se comparado ao texto, mas que se enquadra basicamente no enfoque relacional de Morin, uma vez que o hipertexto se constitui na interconexão de diferentes textos.

O surgimento do hipertexto convida-nos a fazer uma reflexão sobre a noção de textualidade e coloca o desafio para a atual Linguística Textual de que o texto é uma proposta de sentidos múltiplos e plurilinear na sua construção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREIA, Cláudia; ANDRADE, Heloísa. **Noções básicas de hipertexto**. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/hipertexto/nbasicas.html>> Acesso em: 23 jun. 2004

FERNANDES, Geni Chaves. **Texto, hipertexto e conhecimento**. Disponível em: <<http://unirio.br/cead/morpheus/docs/genifernades.01.doc>> Acesso em: 08 set. 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. _São Paulo: Cortez, 2003.

— . **O texto e a construção dos sentidos**. 7. ed. _São Paulo: Contexto, 2003.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 7. ed. _ São Paulo: Perspectiva, 2003 (Coleção Debates; 115)

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Trad. de Carlos Irineu da Costa. 1. ed. 10. reimp. _ Rio de Janeiro: 34, 2001 (coleção TRANS).

MARCONDES, Danilo. A crise de paradigmas e o surgimento da modernidade. In: BRANDÃO, Zaia (org.). **A crise dos paradigmas e a educação**. 8. ed. _ São Paulo: Cortez, 2002 (Coleção Questões da Nossa Época; v. 35).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como novo espaço de escrita em sala de aula. In: AZEREDO, José Carlos de (org.). **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 9. ed. _ Campina, SP: Papyrus, 1997 (Coleção Práxis).

MORIN, Edgar. Epistemologia da complexidade. In: SCHNITMAN, D. F. (org). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

NOMURA, Masa. **Do texto escrito ao hipertexto eletrônico**. Disponível em: <http://www.abralin.org.br/boletim/boletim21_tema48.html. Acesso em: 28 set. 2004.

PLATÃO. **Fédon**. Brasília: UnB, 2000.

TRAVAGLIA, Luiz Cralos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 5. ed. _São Paulo: Cortez, 2000.

VAL, Maria das Graças da Costa. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991 (Texto e linguagem).

VIEIRA, Iúta Lerche. O hipertexto e o texto eletrônico: características e desafios. In: **Anais do II Congresso Internacional da ABRALIN**. Comunicação Coordenada. Boletim da ABRALIN, v. 26 _ N° especial – I, 2002, p. 434 – 437.

XAVIER, Antônio Carlos. Hipertexto: novo paradigma textual? **Investigações**. Recife, UFPE, Vol 12, dez. 2000, p. 177-192.

— . Leitura, texto e hipertexto. In: Marcuschi, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.